

RETRATO CALADO DE LUIZ ROBERTO SALINAS FORTES COMO AÇÃO POLÍTICA¹

Thiago Dias da Silva²

Resumo: Durante a odiosa tortura a que foi submetido pela ditadura civil-militar brasileira, o professor Luiz Roberto Salinas Fortes viu o aparato do estado se servir da mais bárbara violência para dele extrair algo especificamente humano; uma palavra. Contra esta palavra indigna arrancada na escuridão da cela, Salinas decidiu elaborar um discurso e trazer à luz do espaço público as sombras que o tragaram. O resultado é *Retrato calado*, livro que contém uma nobre fala sobre atos abjetos. Enquanto fala, entretanto, este sujeito estilhaçado se mostra de modo indiscutivelmente íntegro, pois, sem se reduzir à quase inevitável via da denúncia e do lamento, Salinas se coloca como quem cumpre o dever de trazer à luz o que lhe fizeram na escuridão; um dever fundado no cuidado com o mundo. Nesta autêntica ação política, o professor de filosofia encarna e exemplifica a dignidade da fala pública apontando para seu contrário.

Palavras-chave: Salinas – Arendt – tortura – ditadura – palavra

Luiz Roberto Salinas Fortes foi professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo desde meados dos anos 1960 até sua morte, em 1987. Seu nome é costumeiramente lembrado como o do grande especialista em Rousseau cujos trabalhos são até hoje incontornáveis para os rousseauistas e como um dos fundadores do Teatro Oficina, ao lado de José Celso Martinez Correia. Seria possível e proveitoso falar longamente a respeito destas atividades de Salinas, bem como das conversas filosóficas que ele manteve com atores de teatro, ou dos dias em que esteve com Sartre e Beauvoir ou ainda de sua atuação em torno da constituinte nos anos 1980. Mas eu gostaria de tratar de outro tema. Como se sabe, Salinas foi preso pela ditadura civil-militar brasileira e, como aconteceu a muitos, foi torturado pelo regime. O relato de sua descida aos infernos nos é oferecido em *Retrato calado*, livro que estava preparado quando um enfarte o vitimou.

Como todo governo moderno, o regime ditatorial civil-militar brasileiro tinha na burocracia um de seus pilares. Como nos demais departamentos desta burocracia, aqueles

¹ Este texto é uma versão ligeiramente alterada da apresentação feita no evento ao qual se dedica este dossiê. Uma versão preliminar foi apresentada no X Encontro Internacional Hannah Arendt, que aconteceu em junho de 2016 na UFG e cujo tema era “A dignidade da política em tempos sombrios”. Optei por manter a forma bastante próxima da apresentada nos eventos, retirando apenas algumas marcas de oralidade que pareceram excessivas em um texto ora apresentado por escrito.

² Doutorando em filosofia pela USP; membro do Centro de Estudos Hannah Arendt.

que se dedicavam à repressão dos opositores políticos precisavam de informações precisas para poder funcionar. Muitas destas informações se tornavam disponíveis ao regime a partir de observações ou deduções de seus funcionários. Outras não. A fim de manter o funcionamento do aparelho repressor, a burocracia do regime precisava produzir certas informações verdadeiras e, para tal fim, recorria a todos os meios necessários. Esta era a função da tortura, técnica aplicada sistematicamente pelo regime e, como toda técnica, passível de aprimoramentos e desenvolvimentos.

Nu, completamente nu. Obrigam o paciente a sentar no chão. Amarram-me as mãos, que protegem com uma cobertura de pano, uma contra a outra. Forçam-no a manter os joelhos unidos, dobrados contra o peito e envolvidos pelos braços amarrados. No vão entre os braços e o joelho enfiam uma barra de ferro e penduram-na – penduram-me – em dois cavaletes. Rápidos, eficientes, bem treinados.³

A informação requerida pelo regime era produzida na forma de uma palavra arrancada da vítima em uma cela escura; esta palavra tinha como destino os bancos de dados da própria burocracia que a fabricou e que funciona inteiramente nas sombras. De posse desta palavra, a burocracia se move para confirmar se esta informação é verdadeira e se é aquela que satisfaz seu interesse inicial. Em caso afirmativo, esta palavra tem como resultado a condução de mais pessoas para a mesma escuridão onde ela foi forjada. O aparelho repressor da burocracia do regime se move em função de interesses escusos e, como tal, deve permanecer o máximo possível escondida nas sombras, longe dos olhos. Não são visíveis a elaboração da técnica, sua aplicação, seus resultados e nem os interesses que a orientam.

Em uma de suas reações à dor da tortura, Salinas ofereceu uma informação, uma palavra indigna que levou outra pessoa a ser tragada pelas sombras e ampliou as sombras do próprio Salinas. Mais do que propriamente uma manifestação do *logos*, a palavra oferecida era uma resposta à dor, característica que nós partilhamos com os animais; trata-se de um grito ligeiramente mais articulado que fez cessar a dor física imediata e temporária, dando início à dor moral mediada e contínua.

A maneira encontrada por Salinas para suportar a dor perene também se deu pela palavra, mas agora de natureza inteiramente diferente. Em *Retrato calado*, o leitor se vê diante de um discurso que, embora estreitamente vinculado a uma dor física, não é apenas sua expressão, mas é a elaboração de uma dor existencial e moral, algo bastante alheio à maioria dos animais. Esta palavra também nasce em local escuro, de forma invisível, uma

³ SALINAS, *Retrato calado*, p.23.

vez que se tem sua primeira existência na cabeça de Salinas e em seu ateliê. Em alguns casos, talvez, Salinas tenha adiantado certas ideias ou certos trechos a amigos ou alunos, mas, ainda assim, foi de uma atividade empreendida longe dos olhos que surgiu o texto de *Retrato calado*.

Contrariando talvez uma expectativa inicial, o livro não é exatamente literatura de testemunho. É fato que o livro contém uma potente denúncia da tortura e do regime que a praticou, mas o livro se insere mais exatamente, de acordo com Antônio Cândido, no “gênero fascinante dos escritos que mostram o homem à busca de si mesmo.”⁴ Uma das consequências deste gênero é a promoção de um encontro entre o leitor e uma pessoa, que aqui se apresenta na forma de um retrato feito de palavras.

Embora esteja em uma situação limite de sofrimento, a pessoa aqui retratada não reivindica o lugar da vítima, que lhe seria concedido por qualquer leitor de boa-fé. Salinas recusa a concessão daquela superioridade moral de que gozam os que sofrem e que interdita questionamentos, uma recusa que parece vinculada à convicção de que o retrato apresentado, para ser completo e honesto, deve incluir questionamentos a respeito de si mesmo. Não há recuo diante da exigência de se colocar em questão. Temos um exemplo disto quando, relatando a iminência da segunda prisão, Salinas se pergunta: “Como deixar de me pôr totalmente em questão, ali, diante de tão vil desfecho? Como não me perguntar pelo sentido de todo esse movimentado passado, atendo-me exclusivamente à fria descrição dos fatos? Como não mobilizar o espanto diante de tantos significantes de consequências tão devastadoras?”⁵ Formando aqui mais um dos vários silêncios que compõem o livro, essas perguntas não são respondidas, mas importam na medida em que retiram o autor da posição de agente meramente passivo dos terríveis acontecimentos.

Salinas tampouco se arroga o lugar do herói. Seu complexo retrato não inclui a ideia de um convicto mártir da revolução, lutando bravamente contra o sistema e causando-lhe sérios danos. Ao contrário, o texto não deixa de expressar hesitações e medos que o impediram, por exemplo, de aderir integralmente à causa revolucionária. Ele tampouco esconde que, em meio às dores, deixou escapar um nome. Ele se pergunta expressamente: “Terei falado demais?”⁶ E, uma vez mais, não responde. Em outro ponto, narrando o momento de liberação da primeira prisão, Salinas expressa mais uma vez a recusa de um lugar confortável para si: “Reencontro com familiares. Com amigos. A oportunidade da fruição desse heroísmo barato que nos fora tão gentilmente proporcionado. Tudo ainda com um jeito de tardia aventura adolescente.”⁷ O justificadíssimo calor do acolhimento de

4 CÂNDIDO, “Posfácio”, p.123.

5 SALINAS, *Retrato calado*, p.50.

6 SALINAS, *Retrato calado*, p.25.

7 SALINAS, *Retrato calado*, p.44.

familiares e amigos é visto, pelo duro narrador, como heroísmo de pouco valor, heroísmo que ele mesmo não buscou, mas fora-lhe gratuitamente oferecido pelo regime.

Mas o que nos mostra, então, o retrato apresentado no livro? Graças a habilidades literárias que Antônio Cândido qualificou como excelentes, o homem que está ali à busca de si mesmo se expressa com uma voz própria, singular, que se manifesta em um estilo autêntico permitindo ao leitor a criação de uma imagem bastante pessoal do autor. Como era de se esperar, entretanto, a descrição da pessoa presente no livro é marcada pela tortura, uma vez que “há algo que se rompe aqui, pois não é impunemente que se passa pela experiência da prisão” e da tortura. Talvez a marca mais visível deste rompimento esteja em sua fala, antes fluente e agora vacilante, gaguejante. Na apresentação do livro, a professora Marilena Chauí, tratando da relação com Salinas depois da tortura, antecipa a evidência desta marca:

Quantas vezes vi Salinas apertar as têmporas (...) adivinhando uma dor sem nome, embora eu não soubesse que batia contra as grades de sua própria cabeça, inscrição em seu corpo das barras das prisões onde tentaram roubar-lhe o espírito. Quantas vezes ouvi Salinas tropeçar na frase iniciada, tateando as palavras, perder o fio da meada e, não podendo alcançar meus ouvidos, tentar alcançar-me os olhos, lançando-me um olhar, misto de pasmo e agonia, fazendo-me adivinhar que a teia da tortura prendia-lhe a voz e voltava-lhe os olhos para as cenas invisíveis aos meus. Quantas vezes pedi que me dissesse por que, escritor de clareza incomparável, falar se lhe tornara tão penoso. Às vezes, sorria apenas. Outras vezes, ria um riso tão gaguejante quanto sua fala.⁸

Por meio de perguntas não respondidas, de tentativas malogradas de encontrar um sentido para a violência, pela descrição de dores e pavores nem sempre localizáveis, Salinas se revela ao leitor de modo pessoal, mas estilizado, dilacerado de silêncio em silêncio, de abismo em abismo. Oferece-se em um retrato feito de palavras e em que aquilo falado é tão importante quanto o calado.

A forma escolhida para o texto – lacunar, repleta de perguntas sem respostas e de silêncios – permite que ele articule o dito e o não dito, o perceptível e o não perceptível, luzes e sombras. Esta forma traz consigo a recusa da pretensão de apreender por completo um objeto e expô-lo claramente ao leitor. Ela parece, antes, elaborada de maneira a deixar entrever, como que por entre as barras da prisão, uma pessoa especialmente marcada pela escuridão. Deste inquietante jogo de luzes e sombras, surge o retrato de uma pessoa

8 CHAUI, “Apresentação”, p.13.

angustiada e munida apenas de algumas poucas certezas frágeis; precárias até mesmo para justificar a própria escrita.

Por que escrevo tudo isso??? Por que lembrar águas passadas e repassadas e bem passadas? Qual a importância, afinal, do gênero – como chamá-lo? – “Memorial”? A única coisa que sou capaz de dizer no momento é que se as escrevo – as memórias – é para dar a mim mesmo, conceder-me em benefício próprio, uma “ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA”, já que ninguém me concede. Por que não? Quem impede?⁹

Salinas afirma elaborar uma anistia a si mesmo na forma da escrita; uma tentativa de organizar a dor e o abismo resultantes da finitude somada à violência de estado. É certo que reflexões e anistias deste tipo foram elaboradas por muitas pessoas e preenchem páginas e páginas de diários íntimos de toda a geração que viveu os tempos particularmente sombrios da ditadura civil-militar brasileira. Mas há um elemento decisivo que distingue *Retrato calado* destes outros textos. A citação acima continua da seguinte forma:

Uso deste espaço para não deixar que tudo se perca, se evapore. E continuo dizendo dessa forma canhestra e imprecisa, infiel e abstrata. O fato é que tudo mudou, que era o mundo antes, o meu, bem diferente. E tudo vai ficar por isso mesmo? Eles torturaram, mataram, destruíram, tripudiaram, achincalharam, humilharam e continuam aí, juízes finais, são eles que decidem o que é certo ou errado, o que é bom ou mau. Mas esqueçamos as transas “morais” e retornemos à descrição dos eventos.¹⁰

Ora, Salinas nunca se esqueceu das “transas morais”. Ao contrário, elas estão no centro das razões que o levaram a elaborar toda a sua dor e exigem que ela não se restrinja à privacidade do ateliê de escrita. Parte fundamental de sua auto anistia está contida no esforço de trazer à luz o que se deu nas sombras. A escrita de Salinas se organiza entre falas e silêncios, que se relacionam respectivamente a luzes e sombras. Como a matéria de que trata o livro é sombria, há poucas luzes dentro dele. O sentido do livro, entretanto, é precisamente lançar luz sobre um ponto escuro, pois ele é uma fala a respeito das trevas; *Retrato calado* é um esforço para não apenas elaborar a dor, mas expô-la ao público leitor. Contra a extração de uma palavra indigna, a dignidade da exposição do que se passou nas sombras.

9 SALINAS, *Retrato calado*, p.93.

10 SALINAS, *Retrato calado*, p.93

A postura que sustenta a decisão de vir a público, de expor à luz as sombras, revela uma integridade que perpassa toda a narrativa e unifica os estilhaços do retrato. Expressando aquilo que Antônio Cândido chamou de “dignidade angustiada”, Salinas se revela de modo franco, sem ceder diante da exigência de expor a nudez de seu frágil corpo, a angústia de sua frágil existência. A força que anima a dura empreitada tem clara origem existencial, mas ela não se descola de um dever moral que perpassa todo o livro e parece ser melhor expressa na seguinte passagem:

Tudo ficará por isso mesmo? A dor que continua doendo até hoje e que vai acabar por me matar se irrealiza, transmuda-se em simples “ocorrência” equívoca, suscetível a uma infinidade de interpretações, de versões das mais arbitrárias, embora a dor que vai me matar continue doendo, bem presente no meu corpo, ferida aberta latejando na memória. Daí a *necessidade* do registro rigoroso da experiência, da sua descrição, da constituição do material fenomenológico, de sua transcrição literária. Contra a ficção do Gênio Maligno oficial se *impõe* o minucioso relato histórico e é da boa mira neste alvo que depende o rigor do discurso.¹¹

Ao contrário da palavra arrancada por delação violenta e destinada aos obscuros descaminhos da burocracia da opressão, a palavra aqui apresentada foi elaborada artisticamente e destinada ao espaço público. Ela foi elaborada na privacidade do ateliê de escrita, mas seu sentido é a exposição de algo que não é visível; seu sentido é lançar luz sobre o que se passou nas sombras, sendo assim o exato oposto da informação extorquida nas sombras e destinada a permanecer nas sombras. Temos aqui uma palavra digna de ser exposta; sua dignidade é inversamente proporcional à indignidade dos fatos narrados.

A decisão de vir a público, de trazer as sombras à luz, é individual e absolutamente não obrigatória. A força desta decisão não consiste em deduções racionais e inequívocas a respeito de alguma espécie de dever de falar, de expor as sombras. A força desta decisão está, parece-nos, no exemplo conferido por Salinas.

Hannah Arendt, na terceira parte do ensaio “Verdade e política”, se dedica essencialmente ao problema dos diferentes modos de validade adequados a opiniões e a verdades. Ela se debruça aqui sobre as diferenças entre a força de persuasão das verdades e a força de persuasão das opiniões. Nos últimos parágrafos desta parte do ensaio, Arendt

¹¹ SALINAS, *Retrato calado*, p.42 – grifos meus.

apresenta a maneira pela qual o filósofo é capaz de persuadir sem perverter ou distorcer as regras do âmbito político, sem deixar que o caráter coercitivo da verdade se imponha em meio aos cidadãos. Ela recorre aqui, uma vez mais, a Sócrates:

Sócrates decidiu colocar sua vida nesta verdade para dar um exemplo. Não quando se apresentou diante do tribunal ateniense, mas quando se recusou a escapar da sentença de morte. E seu ensinamento por meio do exemplo é realmente a única forma de “persuasão” da qual a verdade filosófica é capaz sem perversão ou distorção; da mesma forma (*by the same token*), a verdade filosófica só pode se tornar “prática” e inspirar a ação sem violar as regras do âmbito político quando consegue se tornar manifesta à guisa de um exemplo. *Esta é a única maneira de verificar e validar um princípio ético.* Assim, se for o caso de verificar a noção de bravura (*courage*), podemos nos lembrar de Aquiles, e para verificar a noção de bondade, nos inclinamos a pensar em Jesus de Nazaré ou São Francisco; estes exemplos ensinam ou persuadem através da inspiração.¹²

Como se sabe, o pensamento de Arendt se serve de uma análise da condenação de Sócrates pela cidade para estabelecer uma enorme distância entre a filosofia e a política. Esta separação parece por vezes intransponível, mas a noção de exemplo surge aqui como um caminho que conduz da filosofia à política sem carregar o caráter coercitivo próprio da verdade filosófica. Este caminho estreito e de difícil trilha transforma a afirmação especulativa em uma *verdade exemplar*, que é “uma experiência limítrofe para um filósofo: ao estabelecer um exemplo e ‘persuadir’ a multidão da única maneira a ele aberta, o filósofo começa a agir.”¹³

Deste ponto de vista, parece possível afirmar que Salinas encarna um exemplo inspirador a respeito do modo de agir de um professor de filosofia em tempos sombrios. Ao se esforçar por elaborar suas angústias e dores por meio da linguagem, ele respondeu à imperiosa necessidade de lidar com o absurdo, que no caso dele foi intensificado pela experiência extrema da tortura. Mas, como se isto não bastasse, Salinas deu um passo além e conferiu um sentido público à sua elaboração transformando-a em uma ocasião para lançar luz sobre a escuridão dos porões de nossa última ditadura. Por se revelar imperiosa, a necessidade de dar um sentido público à elaboração das dores íntimas revela um cuidado com o mundo, uma preocupação com a possibilidade de ampliação daquela escuridão. *Retrato calado* é uma intervenção que encontra sentido na resistência às sombras. Trata-se do resultado de um esforço enorme, poderoso e frágil, de tentar evitar que tudo aquilo volte a

12 ARENDT, “Truth and Politics”, p. 243 – tradução e grifo meus.

13 ARENDT, “Truth and Politics”, p. 244.

acontecer. Este cuidado com o mundo exigiu a exposição dura de si mesmo e ele não se furtou a atender à exigência por meio de uma palavra elaborada e oferecida ao público. Contra a sombra e a palavra gritada, ele oferece a luz da palavra articulada. Ou, para usar uma oposição evocada pelo próprio Salinas, contra a feroz atuação dos herdeiros de Trasímaco, a virtude do jogo socrático.

LUIZ ROBERTO SALINAS FORTE'S "RETRATO CALADO" AS POLITICAL ACTION

Abstract: The abject torture inflicted on professor Luiz Roberto Salinas Fortes by the last Brazilian dictatorship meant to him a barbaric effort to snatch something specifically human from him; a word. To stand against this undignified word pulled out of him in the darkness of the prison cell, Salinas artistically created a speech meant to bring the gloom in which he was absorbed to the light of the public sphere. The outcome is *Retrato calado*, (literally "Mute portrait", but a wordplay out of "*Retrato falado*" Portuguese for "facial composite"), a book containing a noble speech about ignoble acts and sketching a portrait that unveils a person who is broken into pieces but is struggling to keep his integrity. Transcending the almost inevitable paths of allegation and grievance, Salinas appears rather as someone who fulfills his duty to bring into the light of public sphere what was done to him; a duty out of the love for the world, where one can find his integrity. In this authentic political action, the philosophy professor embodies and exemplifies the dignity of the public speech by speaking about its opposite.

Keywords: Salinas – Arendt – dictatorship – speech.

Referências Bibliográficas

ARENDT, H – "Truth and Politics" in: *Between Past and Future*. New York: Penguin, 2006, pp. 223-59.

SALINAS FORTES, L. R – *Retrato Calado*. São Paulo: Cosac Naify, 2012